

PROSA ÁRABE CLÁSSICA

UM BREVE ROTEIRO DE TEXTOS REPRESENTATIVOS

Mamede Jarouche (DLO)

O que comumente se chama de “literatura árabe clássica” abarca, é preciso reconhecer-lo, um período de tempo demasiado extenso. Em sentido lato, corresponderia a toda a produção culta e/ou letrada nessa língua desde o período pré-islâmico – as poesias mais antigas não são anteriores ao século V, e existem controvérsias relativamente à datação – até meados do século XIII, quando Bagdá, então capital do califado e sede do império, é invadida, saqueada e destruída pelo exército mongol. O mais habitual é que se proponham subdivisões, todas elas discutíveis, como literatura pré-islâmica, literatura dos primórdios do islã, literatura omíada, literatura abássida e literatura andalusí. Conforme a divisão de gêneros mais básica e comum a várias culturas, temos poesia e prosa, e, conquanto um dos pratos de resistência dessa literatura seja a poesia, é da prosa – também rica e abundante – que se tratará. O desenvolvimento, se se permite o termo, da literatura árabe se dá em vastos territórios: inicialmente, seu ninho é a Península Arábica, a qual, com a rápida expansão do islã a partir de meados do século VII, logo passa a uma posição menos que secundária, da qual jamais tornará a sair, sendo superada, como centro produtor e irradiador de cultura e, por extensão, de cultura, pelas regiões do Levante, do Iraque, do Egito, do Norte da África e da Península Ibérica. Dessa produção diversificada, que abrangeu todos os ramos do que hoje chamaríamos de conhecimento humanístico – história, filosofia, poesia, prosa ficcional, teoria política, ensaio, gramática etc. – escolheram-se aqui os textos ficcionais, em sentido estrito e lato, além do texto por excelência da cultura árabe-islâmica, que é o Alcorão, bem como uma obra de cunho historiográfico-científico-filosófico. As grandes lacunas, como o *Livro das Canções*, o *Livro dos Avaros*, as *Pradarias de Ouro*, a *Epístola do Perdão*, as *Maqamas*, entre tantos outros, devem-se ao acanhamento da tradução de textos árabes ao português.

O ALCORÃO

Texto – ou, melhor dizendo, “discurso” – fundador de uma fé religiosa e de uma cultura, o Alcorão é a obra sagrada dos muçulmanos, que acreditam ter sido ele revelado em etapas, a partir do ano de 610, aproximadamente, ao profeta Maomé por intermédio do arcanjo Gabriel, de maneira intermitente, até as proximidades da data de falecimento do profeta, em 632. Na concepção muçulmana, trata-se da palavra do próprio Deus único, o discurso por meio do qual essa divindade fala em primeira pessoa aos homens. Sua estrutura narrativa é bastante complexa e não linear, consistindo numa prosa sempre ritmada e muitas vezes rimada, com som e sentido, e forma e conteúdo, harmonizando-se num todo orgânico, em que as elipses produzem um efeito em torvelinho de multiplicação do sentido. Dividido em 114 capítulos (*suras*) de extensão variável, divididas por sua vez em versículos (*ayas*) de extensão também variável, e que totalizam 6236, foi traduzido a praticamente todas as línguas do mundo, não raro mais de uma vez, nem sempre com felicidade devido à sua complexidade e conseqüente dificuldade de compreensão. Em português existem várias traduções, tanto em Portugal como no Brasil.

KALILA E DIMNA

Trata-se da versão em árabe, feita pelo letrado Ibn Almuqaffa¹ em meados do século VIII, do Pañcatantra indiano, embora bastante expandida e modificada. O título em árabe é metonímico: usa o nome de duas de suas principais personagens. Normalmente, é inserido em duas categorias: tratado de educação do governante – o correspondente árabe dos “espelhos de príncipe” da tradição ocidental – ou manual do letrado e do cortesão, uma espécie de análogo de uma literatura que se desenvolveria mais tarde na Europa, e que tem entre seus exemplos *O Cortesão*, de Baldassare Castiglione, e o *Oráculo Manual*, de Baltazar Gracián. No caso de *Kalila e Dimna*, as máximas, apotegmas e princípios éticos estão inseridos em fábulas, que funcionam como alegorias cujo propósito explícito é facilitar a leitura e a memorização. É um dos mais célebres exemplares das histórias encaixadas em cascata, com o esquema, que se difundiria mais tarde, de histórias que sucessivamente encaixam outras histórias. Trata-se ainda do primeiro texto por assim dizer “mundano” em prosa artística escrito em árabe. Consiste ao todo em 17 capítulos, dos quais alguns são considerados adições tardias, mas que se incorporaram ao livro e dele se tornaram inseparáveis.

OS SETE VIZIRES (ou O SÁBIO SINDIBAD)

Um dos mais antigos relatos ficcionais em árabe, provém possivelmente da cultura indiana, ainda que suas fontes, ao contrário de *Kalila e Dimna*, jamais tenham sido encontrados. Sua primeira redação em árabe, anônima, deve remontar ao final do século VIII ou início do IX. É um texto lúdico, ilustre representante da abundante literatura de cunho misógino que vicejou em toda a Idade Média, e cuja estrutura de algum modo anuncia o que se verá em obras como o *Livro das Mil e Uma Noites*, com a existência de um prólogo-moldura que, simultaneamente, é a sua “narrativa encaixante”, deflagradora das demais narrativas, além do uso da narrativa como instrumento de salvação da vida. Assim como *Kalila e Dimna*, é uma das evidências do caráter assimilador e sincrético da civilização árabe-islâmica.

O LEÃO E O CHACAL MERGULHADOR

Obra anônima do século XIII (ou talvez XII), foi expressamente elaborada para emular *Kalila e Dimna*, com maior verossimilhança e adequação aos padrões do seu tempo e às exigências intelectuais e estéticas dos grupos letrados. Parece de alguma maneira calcada no pensamento político do teólogo reformista e filósofo Algazel, morto em 1111. À maneira de *Kalila e Dimna*, o texto é um fabulário político, mas, ao contrário daquele, utiliza não somente fábulas nas subnarrativas (ou histórias encaixadas), mas também narrativas de caráter histórico ou semi-histórico. As personagens de sua narrativa principal, ou de sua principal história encaixante, são todas calcadas nas personagens dos dois primeiros capítulos de *Kalila e Dimna*. As diferenças de enredo devem-se às próprias alterações verificadas no ambiente político e cultural no Mundo Árabe e Islâmico entre o século VIII – época da tradução de *Kalila e Dimna*, marcada pela expansão do islã no mundo, e o século XIII (ou XII) – época da redação de *O Leão e Chacal Mergulhador*, marcada pela retração do islã e pelo enfrentamento das Cruzadas, vindas do Ocidente, e das hordas mongóis, vindas do Oriente.

LIVRO DO TIGRE E DO RAPOSO

Temos aqui outro texto calcado em *Kalila e Dimna*, atribuído à pena do letrado Sahl Bin Hārūn, morto no século IX, funcionário da corte dos califas Hārūn al-Rashid e seu filho Al-Ma'mūn, cujos governos marcaram o auge do poder árabe e islâmico no mundo. Seu caráter é mais fortemente teórico e filosófico e menos ficcional do que *Kalila e Dimna* e *O Leão e o Chacal Mergulhador*: não se veem no livro narrativas encaixadas em nenhum momento, e os eventos obedecem a uma sequência mais ou menos previsível. Neste caso, a fábula está a serviço da filosofia, ao contrário das duas obras anteriores, nas quais, pelo contrário, a filosofia está a serviço da fábula. Porém, de maneira semelhante a *Kalila e Dimna* e a *O Leão e o Chacal Mergulhador*, o texto discute e problematiza a inserção do letrado na corte, as suas relações com o poder estabelecido e o processo de troca entre os detentores do poder e os detentores do saber, com os últimos a serviço dos primeiros. O andamento dos eventos reflete, sem dúvida, o novo patamar que a importância do letrado alcançara naquela sociedade.

O COLAR DA POMBA

Redigido no século X pelo letrado cordobês Ibn Hazm, trata-se de um delicado tratado amoroso cujo subtítulo é justamente “sobre o amor e os amantes”. Discute a essência do amor e descreve as suas várias espécies, produzindo uma rica casuística amorosa que reflete a maneira pela qual esse afeto era pensado no mundo árabe-muçulmano da época. Trata-se de um dos principais tratados amorosos da antiga cultura árabe, e ainda não possui tradução ao português. Propõe-se, aqui, a tradução recentemente feita ao espanhol pelo arabista Jaime Sanchez Ratia, numa edição bilíngue de grande qualidade.

HIERARQUIA DOS POVOS

Temos aqui um tratado mais “seco”, de cunho mais “científico” – para usar um termo anacrônico –, que descreve o estado dos conhecimentos na sua época. Foi escrito pelo letrado andaluz Sá'id, letrado nascido em Almeria na primeira metade do século XI, e mostra como a visão muçulmana a respeito dos diferentes povos baseava-se na contribuição de cada um deles à cultura universal, daí o título, “hierarquia dos povos”,

que cataloga os diferentes povos discutindo o que deram, em termos modernos, à cultura, ao conhecimento e à ciência.

LIVRO DAS MIL E UMA NOITES

Uma das principais compilações de narrativas da literatura árabe e também universal, o *Livro das Mil e Uma Noites* possui várias redações em árabe. Sua primeira versão nessa língua circulou no século IX, ou talvez no VIII, traduzida do pahlevi, mas dela restaram apenas vestígios. A primeira reelaboração hoje conhecida circulou pelo menos a partir da segunda metade do século XIII, com esse título, mas sem um conteúdo que a ele correspondesse. Não se sabe exatamente quando começou o processo de complementação do livro, mas praticamente todos os escribas que tentaram completar o livro utilizaram critérios diferentes para fazê-lo, disso resultando grande disparidade nos manuscritos que chegaram aos dias de hoje. *Grosso modo*, trata-se de um conjunto de narrativas cuja coerência é garantida por um prólogo-moldura no qual se conta a história do surgimento do livro, isto é, o conjunto de eventos que deu origem às mil e uma noites, tempo que durou a contação de histórias por uma rainha, Shahrazad, para um rei, Shahriyar.

AS CENTO E UMA NOITES

Conjunto de narrativas similar às *Mil e Uma Noites*, circulou na parte ocidental do Mundo Árabe, notadamente na Tunísia, pois todos os manuscritos hoje conhecidos dessa obra são tunisianos. Não se sabe ao certo a data de sua composição, mas é quase certo que tenha sido reunida depois – e sob inspiração – das *Mil e Uma Noites*: um conjunto de histórias contadas por uma rainha, também chamada Shahrazad, a um rei. Embora a compilação em si seja provavelmente posterior às *Mil e Uma Noites*, conforme se observou, muitas das narrativas ali compiladas são possivelmente anteriores, pois possuem traços visivelmente primitivos. Desse livro existe uma única edição em árabe, feita pelo professor, crítico e escritor tunisiano Mahmoud Tarchouna.